

Orquidário



Volume 18, nº 1
Janeiro a Março de 2004

Deseja-se permuta com publicações afins:

Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao Editor, em disquete, zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (©), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-000, Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 2233-2314

Fax (21) 2518-6168

e-mail:

orquidario@orquidario.com.br

<http://www.orquidario.com.br>



Diretoria Executiva

Presidente: Marlene Paiva Valim

Vice-presidente: Carlos A. A. de Gouveia

Diretores:

Técnico:

Raimundo A. E. Mesquita

Administrativo-Financeiro:

Paulo Damaso Peres

Relações Comunitárias:

Sylvio R. Pereira.

Conselho Deliberativo

Presidente: João Paulo de S. Fontes
Vogais:

Carlos E. de Britto Pereira

Carlos E. Martins Carvalho

Eliomar da Silva Santos

Luciano H. M. Ramalho

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87 (†)

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

CONTRIBUIÇÃO ANUAL DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1 ano/1 year	2 anos/2 years	3 anos/3 years
Filiação e contribuição anual	R\$70,00	R\$130,00	R\$190,00
Overseas Subscription Rates	US\$40.00	US\$70.00	US\$110.00
Via aérea: acrescentar R\$30,00/ano - By Air Mail: plus US\$20.00/year			

Orquidário

Revista da Orquidario

Índice

Editorial	Taxonomia e Orquidofilia	4
Artigos		
Silvana Monteiro et al.	Notas sobre o gênero <i>Galeandra</i>	5
A. Ventura Pinto	Pabst	10
Concurso de Fotografia de 2003		16
Giulio C. Stancato	Orquídeas Epífitas e Meio Ambiente	20
Seções		
Já existe o registro brasileiro de plantas e cultivares.		27
Exposições		
Orquídeas do Planalto Central Brasileiro por L. C. Menezes		
Curiosidades: Um ônibus orquidófilo		28
Publicidade		26 e a partir de 29

Nossa Capa -

A *Cattleya labiata* Ldl. é, sem dúvida, a planta emblema do primeiro trimestre do ano. Assim sendo não poderíamos deixar de exibir na nossa capa um requintado exemplar dessa espécie, que tem em João Paulo de Souza Fontes um dos mais importantes cultores brasileiros. O cultivar exibido, que lhe pertence e foi, por ele, fotografado, denomina-se 'La vie en Rose'.

Créditos das Ilustrações - Capa, João Paulo de Souza Fontes. Páginas: 6 a 8, João Batista da Silva, exceto de *Galeandra montana*, pag. 7, que é de Marlon Machado; desenhos, fls. 8/9, Antônio Elielson Rocha; 10 e 15, não identificadas, 11 e 14, Etelvino Rodrigues, 12 e 28, R. Mesquita; 16/19, identificadas no texto respectivo.

Errata - No número passado a capa mostrou a planta campeã da Exposição de Primavera, realizada em setembro de 2003. Sobre ela escreveu Carlos Eduardo de Britto Pereira, especialista maior no gênero *Oncidium*. Esquecemo-nos todos de mencionar que a planta pertence e é cultivada por nosso sócio Carlos Manuel de Carvalho.

Editorial

Ao que parece estamos vivendo um momento especial da orquidofilia. Os nossos conhecimentos sobre o assunto estão, a cada momento, sendo postos à prova e se mostrando insuficientes ante a ebulição do mundo científico. Temos a sensação de que o que aprendemos tornou-se rapidamente inútil.

Como destacou um autor, uma das características marcante da orquidofilia é estar sempre atenta ao estudo científico. Um orquidófilo não chama nunca a planta e a flor de sua preferência pelo nome popular, mas pelo nome científico, só se permitindo uma leve abreviação com relação às regras de nomenclatura botânica. Diz, por exemplo, *Cattleya intermedia* e não *Cattleya intermedia* Graham, *Cattleya labiata*, em lugar de *Cattleya labiata* Lindley, etc. etc. Ninguém, no mundo orquidófilo faz menção a um belo exemplar de Chuva de Ouro, mas diz, que belo espécime de *Oncidium flexuosum*...

Mas, tudo que aprendemos ameaça ir “pelo ralo”, deixando-nos a sensação que pertencemos a uma galáxia diferente, o mundo orquidófilo que se formou com base na sistematização de Schlechter e, bem mais recentemente, de Robert L. Dressler.

Os especialistas de hoje, munidos de novo instrumental científico, pesquisas de DNA, análises cladísticas, etc. etc. e, também - é preciso reconhecer -, porque a natureza já não oferece a épica abundância de gêneros e espécies, como se viu no fim do século dezenove e durante a primeira metade do vinte, andam revolvendo a panóplia dos nomes válidos e renovando aceleradamente a classificação a que estávamos acostumados. Alguns gêneros brasileiros de enorme importância tem passado por esse processo.

Não faz muito tempo e para homenagear um bom amigo mandei para registro na RHS, que, como se sabe, é o registro civil das nossas orquídeas, um cruzamento de *Laelia alaiori* com *Cattleya trianaei*. Candidamente remeti o pedido como *Lc.* Sergio Araujo. Obtive o registro como *Sophrocattleya* (*Sc*), porque, agora, para a RHS as *laelias* brasileiras, segundo a revisão de Cassio Vandenberg, são *Sophronitis*. Como todos sabem existem outras correntes que defendem outras classificações para as *laelias* brasileiras.

Como ficamos, então? Como fica, sobretudo, o editor desta revista, ou de outra qualquer revista orquidófila, que tem, como maioria absoluta, leitores da “Galáxia Dressler”.

Será que, malgrado a abonação da RHS, já é a hora de abandonar os antigos nomes e esforçar-nos para aprender e usar os novos?

Penso que sim e isso me parece inevitável, posto que uma das imposições a uma publicação do gênero da nossa e minimamente séria é a observância das regras do Código de Nomenclatura Botânica, a que segue e observa, também, a Royal Horticultural Society. Como tudo que é inglês, tem ele a sabedoria de, através de certos conceitos, como basiônimos, sinônimos, etc., ir nos permitindo passar pela pre-história e história de um *nomen*, de tal maneira que acabemos por saber do que se está falando.

Assim, esta nota informa aos nossos leitores que, gostemos ou não, ou imbuídos de sentimento de perda, vamos ter que renovar a classificação até aqui adotada por Orquidário.

O Editor

Notas sobre o gênero *Galeandra* Lindl.

Silvana H.N. Monteiro e João Batista F. da Silva

O gênero *Galeandra* foi proposto por Lindley (1833), tendo por base uma planta coletada em Caiena e que foi desenhada por Francis Bauer, em 1832, no *Illustrations of Orchidaceous Plants*. A esta planta, Lindley denominou *Galeandra baueri*, em homenagem ao ilustrador da mesma. Desde a primeira descrição feita por Lindley, cinquenta e quatro nomes foram descritos. Muitos desses nomes foram de táxons posteriormente transferidos para outros gêneros ou subordinados a sinônimos de outras espécies do gênero. No decorrer desse período, muitos erros taxonômicos foram cometidos nesse gênero. Toda essa confusão começou quando Lindley identificou uma planta, oriunda de uma área próxima a Oaxaca no México, como *Galeandra baueri*, essa planta foi publicada no *Botanical Register* em 1840. Portanto para planta Mexicana foi dado agora o nome de *G. baueri* e a verdadeira *G. baueri* que, era da América do Sul, praticamente caiu no esquecimento, provavelmente porque era rara no cultivo. Eventualmente, Rolfe, no *Gardeners Chronicle* em 1892, prestou atenção nessa confusão e nomeou a planta mexicana de *G. batemanii* que é hoje um nome aceito (Siegerist, 1983).

Galeandra apresenta distribuição

neotropical, do Sul da Flórida e México a Argentina, com cerca de 35 espécies. A maioria das espécies é encontrada no Brasil, que por isso é considerado o centro de diversidade do gênero. Vinte e duas espécies são descritas para o Brasil, e o gênero possui espécies terrestres e epífitas. As espécies epífitas encontram-se preferencialmente em forófitos da família *Areaceae* L. em matas ciliares e igapós, mas ocorrem também em vegetação de campo limpo e cerrado, enquanto as terrestres são mais comumente encontradas em campo limpo, cerrado, vegetação sobre cangas, campo rupestre e matas umbrófilas, entre outras formações vegetais. As características mais marcantes para distinção entre as espécies são presença ou ausência de indumentos na superfície do labelo e da coluna, o formato do labelo quando aberto e a formação das carinas que compõe o disco do labelo.

Dos 22 táxons descritos para o Brasil, 17 espécies e uma variedade são citadas para a Amazônia Brasileira. Monteiro (1999) fez um estudo sobre as espécies de *Galeandra* que ocorriam nessa região, nove espécies foram reconhecidas entre as coletadas ou encontradas nas coleções de herbário. São elas: *G. baueri* Lindl., *G. beyrichii* Reichb. f., *G. curvifolia* Barb. Rodr.,

G. devoniana Schomb. ex Lindl., *G. lacustris* Barb. Rodr., *G. montana* Barb. Rodr., *G. paraguayensis* Cogn., *G. stangeana* Reichb. f., *G. stylomisantha* (Vell) Hoehne. A essa lista acrescenta-se *G. chapadensis* Campacci e *G. santarena* S.H.N. Monteiro & J.B.F. da Silva, descritas em 2001 e 2002 respectivamente.

O trabalho aqui apresentado tem o intuito de divulgar as espécies do gênero *Galeandra* para assim, quem sabe, diminuir as confusões existentes dentro do referido grupo. Um trabalho mais completo sobre as espécies ocorrentes na Amazônia brasileira está para ser publicado no Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, e uma revisão do gênero e o estudo filogenético estão sendo preparados como tese de doutorado na Universidade Estadual de Feira de Santana, pela primeira autora, sob orientação do Dr. Cássio van den Berg.

Bibliografia citada

Campacci, M. A. *Galeandra chapadensis*. Die Orchidee, de setembro/outubro 2001.

Lindley, J. **Genera and Species of Orchidaceous Plants**. Londres, J. Ridgway and Sons, 1833. 181p.

Lindley, J. *Galeandra baueri*. **Botanical Register**, v. 26, 1840.

Monteiro, S.H.N. Contribuição ao estudo taxonômico de espécies do gênero *Galeandra* Lindl. (Orchidaceae) na Amazônia Brasileira. Belém: Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, 1999. 80 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) FCAP.

Rolfe, R. *Galeandra batemanii*. **Gardeners' Chronicle**, ser. 3, v. 12, p. 430, 1892.

Siegerist, E. S. *Galeandra* – A case of taxonomic confusion. **American Orchid Society Bulletin**. v. 52, n. 2, p159-162, 1983.

Silvana H.N.Monteiro

Universidade Estadual de Feira
de Santana – UEFS
Programa de Pós-graduação
em Botânica

Bolsista de Doutorado da
Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado da Bahia - FAPESB
e-mail: galeandra@hotmail.com

João Batista F. da Silva
Orquidófilo autônomo
Tv. 14 de Março, 894 Bloco C,
101, Umarizal. 66055-490, Belém –
PA.

Ilustrações em nanquin
Antônio Elielson Rocha



Galeandra chapadensis Foto. J.B.F da Silva



Galeandra baueri Foto J.B.F da Silva



Galeandra lacustris Foto. J.B.F da Silva



Galeandra curvifolia Foto. J.B.F da Silva



Galeandra montana Foto. Marlon Machado



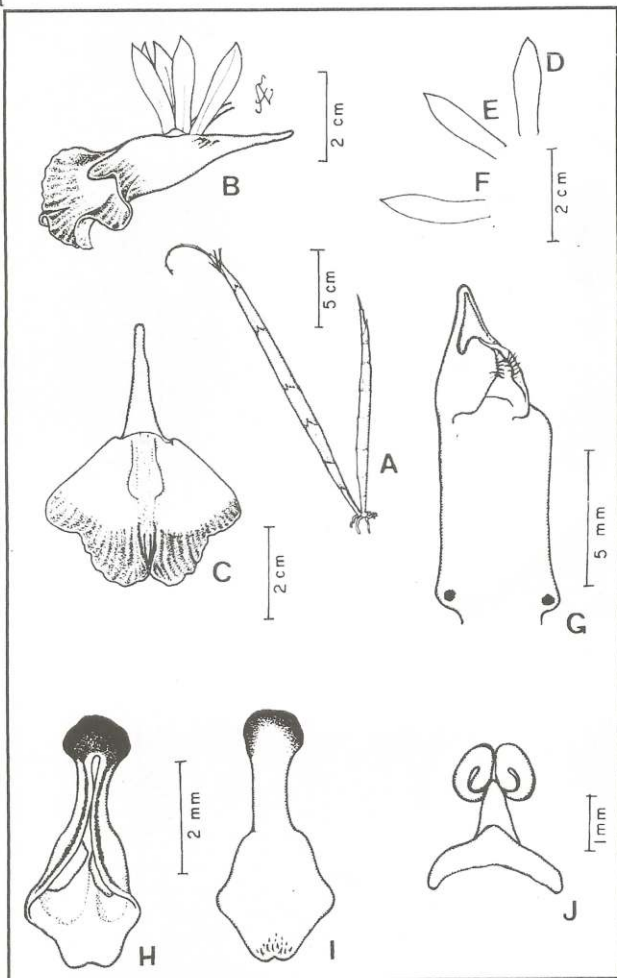
Galeandra stangeana Foto. J.B.F da Silva



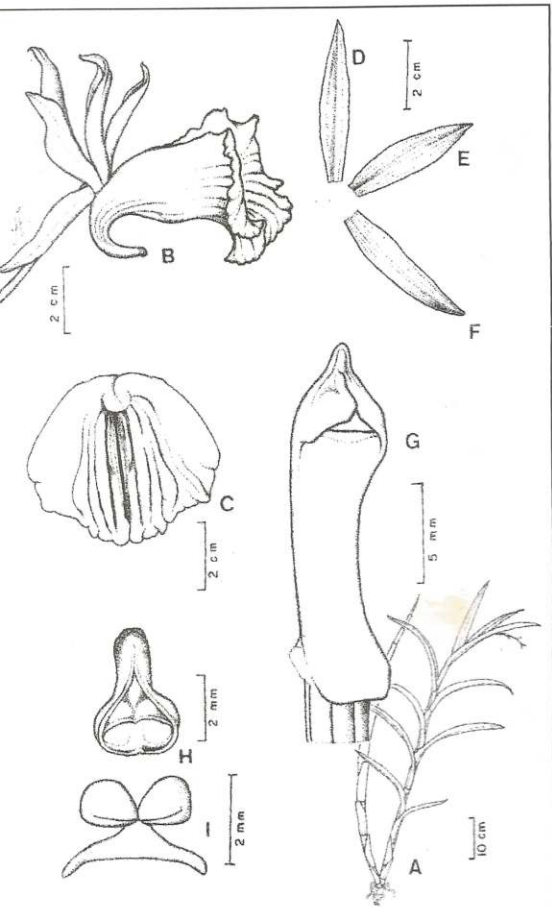
Galeandra stangeana Foto. J.B.F da Silva



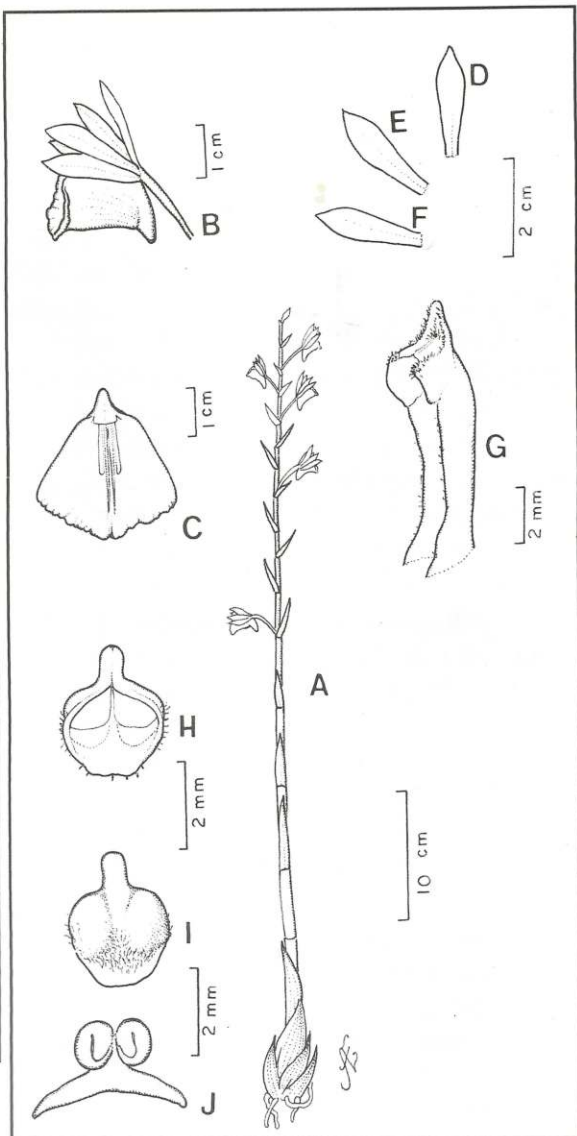
Galeandra styllomisantha Foto. J.B.F da Silva



Galeandra santarena. A) hábito; B) flor inteira; C) labelo (lâmina aberta); D) sépala dorsal; E) pétala; F) sépala lateral; G) coluna; H) antera (vista frontal); I) antera (vista dorsal); J) polinário.



Galeandra devoniana Schomb. Ex Lindl. A) hábito; B) flor inteira; C) labelo (lâmina aberta); D) sépala dorsal; E) pétala; F) sépala lateral; G) coluna; H) antera (vista frontal); I) polinário.



Galeandra beyrichii Reichb. f. A) hábito; B) flor inteira; C) labelo (lâmina aberta); D) sépala dorsal; E) pétala; F) sépala lateral; G) coluna; H) antera (vista frontal); I) antera (vista dorsal); J) polinário.

Uma Visão da Meta-taxonomia Pabstina.

Antonio Ventura Pinto

Gostar de orquídeas não é fruto do acaso.

É uma sina que já vem do berço, um fadário de paixões e êxtase escritos nas estrelas. Uma herança genética incrustada na alma dos orquidófilos. Seja lá quem a escreveu, nunca mais se pode fugir ao papel da personagem. No baile de mascaradas das quimeras, o meu primeiro encontro com as orquídeas deu-se de uma forma um tanto fora do habitual, até inusitado de todo. Normalmente, na fase aguda, os primeiros contatos de um neófito com orquídeas acontecem em exposições ou em coleções de amigos. Às vezes, raras, um presente de grego de um amigo da onça. Na fase crônico terminal, vítima do vício implacavelmente instalado, recorre-se à mãe natureza, onde procura saciar a dependência adquirida. Neste grau da enfermidade, nem a psiquiatria ou a psicologia, mesmo juntas, não conseguem desvendar os mistérios porque passam os sub-inconscientes dos orquidoloucos. A cura vem, inexoravelmente, com a morte do viciado.

No meu caso, não menos cruel, o meu primeiro encontro físico com as orquídeas deu-se em um herbário, onde, ao invés de plantas vivas, vi-as jazidas mortas e preservadas à secura. Na forma de peças anatômicas já dessecadas e aromatizadas por bolinhas de naftalina.

De modo um tanto lúgubre, até a disposição delas neste local em mui-



to lembra fileiras de catacumbas em um cemitério de saudades infindas. Um espólio organizado de acordo com uma lógica fria da taxonomia vegetal. Este meu encontro um tanto dessemelhante, sem dúvidas, foi uma (in) feliz obra do destino.

Na contramão dos acontecimentos, Nesta primeira visita inopinada tive a aventura de conhecer o orquidologista Guido Pabst, que na ocasião eu não conhecia nem mesmo por nome, muito menos o imaginava como co-autor de uma das mais organizadas obras taxonômico sobre orquídeas, *Orchidaceae Brasilienses*, em dois primorosos volumes. Fadado pelo destino, além de orquídeas mortas e descoloradas, também tive o privilégio de primeiro conhecer o inventor antes da invenção. Menos mal!

Na época, verão de 1976, o Herbário Bradeano se localizava na entrada lateral do jardim botânico, num pequeno prédio baixo e comprido.

O Herbário ocupava a parte da frente deste prédio, cuja entrada, resguardada por dois coqueiros guardiães testemunhas, sempre estava aberta nos dias de trabalho, conforme mais tarde pude constatar em futuras vistas. Este prédio fica localizado ao lado do poço das tartaruguinhas, mas hoje reservado à exposições artísticas e culturais.

Na ocasião, estava eu andando por lá, depois de consultar algumas revistas na biblioteca do instituto de química agrícola do Rio de Janeiro, situada num prédio lateralmente contíguo ao do herbário, ambos bem na estrada lateral do jardim botânico.

Após a consulta na biblioteca, resolvi passear dentro do jardim botânico, mas acabei dando-me à porta do herbário, traído pelo prédio que muito lembra uma romântica casa rural antiga. Ao me aproximar, percebi que no interior havia um senhor manipulando plantas, cortando-as e arrumando-as sobre placas de madeira. À porta, notando a minha hesitação em entrar, este senhor gentilmente me convidou a entrar, um convite muito simpático e acolhedor.

Na ocasião, orquídeas nada representavam para mim, apenas significavam ao longe um nome excêntrico cuja pronuncia trazia à mente um quê de coisas exóticas e raras. Este sentimento, um tanto mitificado, dominava até então a minha mente sobre estas plantas. Na ocasião não sabia coisa com coisa sobre orquídeas, e creio que até hoje ainda continuo no limbo da marginalidade botânica. Aceitei o convite, sem saber que estava adentrando no maior herbário particular especializado em orquídeas brasileiras. Na ocasião, muito menos imaginaria que acabara de conhecer um dos gran-

des mestres da orquidologia mundial, o senhor Guido Pabst. Bem comparando, é como conhecer o Miguelangelo antes da Monalisa!

Muito atencioso e educado por excelência, parou o que estava fazendo para me atender. Explicou-me (perguntei o que fazia!) em que trabalhava no momento (exsicata), o significado de muitas caixas enfileiradas no local (tipos arquivados) e mostrou uma estante de livros, que na época foi o que mais despertou a minha curiosidade de bibliomaníaco compulsivo.

Após ouvir a gratuita e despreziosa preleção sobre herbário e orquídeas, disse-lhe que nunca tinha imaginado a existência tantas orquídeas no Brasil, plantas que só então conhecia por ouvir falar. Creio que exaltei a minha surpresa diante da existência de tantos livros e revistas sobre uma coisa insuspeitada ao meu dia-a-dia.

Ledo engano, disse-me, com um certo ar de convicção monástica. Em tom catequizador completou: o que vês é apenas uma amostragem do que hoje se publica sobre orquídeas pelo mundo!

Fiquei fascinado pela elegância do modo como explicava, das frases curtas e objetivas, persuasivas e convincentes. O Pabst tinha mais charme e simpatia que as orquídeas com que trabalhava.

Hoje vejo, pelo distanciamento do tempo após alguns anos de convivência, o quanto este senhor tinha de humildade despreziosa em ajudar a todos que o procuravam na busca de



Pabstiella mirabilis.

Etelvino Rodrigues

conhecimentos sobre orquídeas. Uma sabedoria que encantava por excelência.

Sem dúvidas, Deus poupou-o do sentimento de soberba, mesmo em se tratando de uma pessoa de grande talento, de reconhecida fama mundial.

Parando de fazer o que vinha manipulando, em atenção a um estranho, se dispôs não só em mostrar as caixinhas das plantas herborizadas, como ainda me ministrou a minha primeira aula sobre orquídeas. E, quando manifestei interesse em vê-las cultivadas, me indicou a sede da SBO, no centro da cidade, onde era possível de se travar contato com pessoas e plantas deste grupo da botânica. Ainda mostrou como fazer uma exsiccata e apontou um livro sobre a mesa, um catálogo das plantas registradas. Também assinalou para um fichário com centenas de fichas contendo alguns desenhos de perfis de flores ou flores secas prensadas, além de anotação sobre elas, que podia funcionar como uma impressão vegetal para a comparação e identificação de plantas recém coletadas.

Mais tarde verifiquei que a grande solicitude do Pabst para com orquidófilos sempre obedecia a este padrão de civilidade, sem restrições pessoais de nenhuma ordem.

Após este encontro, era um sábado, voltei para casa comovido por tanta educação e destreza para comigo. Sai de lá com um forte interesse por tais plantas. Porém, mau aluno, este sentimento à orquidofilia foi aos poucos se desfazendo com o passar



Pabstia viridis.

Foto e cultivo R. Mesquita

dos dias.

Dominado pela megera ingratidão, já não mais me lembrava das orquídeas, muito menos da SOB meses depois.

Não sei bem a data de tal encontro, mas foi nas férias de verão no início de 1976.

A roda do destino, neste mesmo ano, fez-me retornar às orquídeas, numa peripécia forjada pelo acaso. Tinha ido a uma livraria de obras jurídicas, situada ao lado do Menezes Cortes, onde procurava um dicionário de latim, quando então me voltei para uma curiosidade mostrada na vitrine externa do estabelecimento, dois livros coloridos, um tanto grandes e grossos. Eram os dois volumes da obra do Pabst & Dungs, *Orchidaceae Brasilienses*, um fechado com uma linda estampa na capa (Uma *Coreanthes*), que parecia uma planta, e o outro aberto ao lado, mostrava minúsculas pinturas de orquídeas. Lembrei-me do encontro meses antes no jardim botânico, e pedi ao vendedor para olhá-los. Eram os dois únicos livros da livraria sobre o assunto. O título, que eu não sabia bem do que se tratava na ocasião, entretanto me remetia à lembrança do herbário e do senhor que eu tinha travado contacto anteriormente.

Ao folheá-los, fiquei fascinado pela beleza do conteúdo, a fácil leitura de alguns parágrafos (em português), e da editoração em colunas, em três línguas. Até então, nunca tinha visto livro deste tipo em minha tão curta vida. Muito menos sabia quem eram os autores. Naquele momento, um complexo de culpa dominou-me

por inteiro, pois tinha quase prometido ao amável senhor que me atendeu no herbário a minha intenção futura de me dedicar às orquídeas e conhecer à SOB. Talvez para me redimir, comprei os dois volumes, sem muita convicção para que estava levando-os para casa.

Mal sabia que aquele senhor do herbário era um dos co-autores desta obra, fato que me passou despercebido na ocasião. Anos depois, em 1980, uma semana antes de o Pabst falecer, tive a coragem de pedir a ele um autógrafo em um dos volumes, sendo gentilmente por ele atendido. Neste dia, na praia de Itacoatiara, disse-me que o grande mérito da publicação desta obra deve-se ao outro co-autor, Dungs, que muito se dedicou na editoração e publicação junto aos editores na Alemanha. Ponderou que sem esta prestimosa dedicação a obra não teria saído ao público, disse-me na ocasião. Também fez elogios ao artista Samuel Salvado, que muito contribuiu com aquarelas, flores que reproduzia de fotos ou ao vivo. Fez também referências especiais a Magareth Mee, como uma amiga colaboradora da obra.

Em relação a esta artista inglesa, tenho na lembrança uma reunião na SOB, onde a conheci levada pelo Pabst. Na ocasião, os dois juntos conversavam e comiam um pedaço de bolo com guaraná, sentados na primeira fila das cadeiras do auditório. Antes do bolo, Dona Nezir (Diretora social da SOB) fez a gentileza de apresentar a artista ao público presente, que a aplaudiu com entusiasmo. Neste dia, alguém da SOB mostrou para a artista um dos volumes da coleção Reichenbachia (F. Sander, editor) disponível na biblioteca da SOB que folheou junto

com o Pabst. Lembro-me dela ter gostado e comentado que parecia coisa de ingleses,

Durante alguns anos assisti muitas palestras do Pabst, preleções por todos acompanhadas com interesse e aguardadas com grande expectativa. Não sem motivos, associado a uma modéstia fora do comum, o senhor Pabst tinha uma invulgar capacidade intelectual, toda transmitida sem segregação ou manifestação de soberba. Em tom baixo, mas entusiástico, falava calmo sem hesitação sobre temas variados, atendendo com educação e simpatias as perguntas mais impertinazes ou sem sentido (a grande maioria), deixando sempre o público à vontade diante de sua majestosa grandeza. Muitas vezes, ainda ilustrava as respostas com informações adicionais, além do inquirido pelos solicitantes, numa postura de lealdade intelectual. Esta era uma marca inviolável do Pabst, sempre dedicado, delicado e sincero ao público presente. Muitos orquidófilos só iam a SOB para lhe mostrar plantas à identificação, o que fazia sempre com atenção e deferência aos orquidófilos aflitos. Não raro, pedia amostras ao solicitante para a coleção do herbário. Na grande maioria das vezes, levava as amostras para o herbário, para posterior e segura identificação, deixando os leigos encantados com tal acuidade científica.

Lembro-me que levou de mim uma *Brassavola revoluta*, coletada às margens da lagoa feia, cuja identificação levou algum tempo, pois foi necessário à comparação com amostras depositadas no herbário. Depois de identificar, o Pabst ainda pediu uma planta para herborizar, pois até então

o herbário só dispunha de flores e não de outras partes vegetativas na coleção. Nas reuniões da SBO quase sempre uma discreta fila de orquidófilos consulentes se fazia à sua volta, à procura de identificação de plantas. Uma vez, o próprio Pabst me comentou que eram raras as visitas ao herbário bradeano, mas que à SOB todos iam em profusão, um fato que o deixava prazeroso em participar das reuniões mensais.

Sem dúvidas, a presença de Pabst na SOB foi um catalizador para muitos orquidófilos e orquidólogos futuros, que por lá iam mais à procura da sabedoria e simpatia do mestre do que propriamente de orquídeas.

Em tais reuniões da SOB quando não se tinha nada agendado, o presidente da época (Senhor Lema) pedia ao Pabst para quebrar o galho, quando todos se sentiam, mas que recompensados pelas improvisações do mestre. Com a maior facilidade e segurança falava sobre os mais diversos temas, tratando de aspectos taxonômicos, curiosidades da família botânica, sobre anatomia floral, em uma improvisação organizada e feliz. Na verdade, não eram improvisações, mas sermões botânicos.

Apesar de trabalhar e morar fora do Rio de Janeiro, incomum eram as ausências do Pabst à SOB. A sua ausência consternava a todos, causando um sentimento de perda de tempo e frustração.

A estrela da festa era ele, não as orquídeas!

Também levados por Pabst, lá conheci o artista Samuel Salvado e o bromeliólogo Edmundo Pereira, seu colega do herbário bradeano. A ida de personalidades à SOB levada por ele,

foi uma de suas atividades mais participativas, creio que uma preocupação pessoal que tinha com a formação cultural da sociedade que o acolhia prazerosamente. Um exemplo maior de civilidade.

O Guido Pabst sempre foi um elo de ligação entre orquidófilos e orquidólogos, uma liderança incontestada em ambos os lados.

A grande capacidade intelectual do Pabst, reconhecida internacional-



Pabstia jugosa. Foto Etelvino Rodrigues

mente, fê-lo revisor de várias coleções européias, como a do Royal Botanical Garden (Kew), do Museu de História Natural de Paris e do Botanische Staatssammlung de Munique, Alem disso, revisou as orquídeas brasileiras depositadas no Oak Ames Orchid Herbarium da Universidade de Harvard (Cambridge) e do museu nacional dos Estados Unidos da América. Também revisou a coleção de orquídeas do herbário de Regnell, a ele remetido de Estocolmo. Várias outras coleções de instituições nacionais e estrangeiras contaram com a sua ajuda.

Em reconhecimento, foi feito membro da Academia Brasileira de Ciências, da Linnean Society Of London, da Organização Flora Neotropica. Por suas atividades profissionais na vida civil (Direto da VARIG), foi honrado com a ordem do mérito aeronáutico, no grau de cavaleiro e foi homenageado com a medalha D. João VI. Durante o sesqui-centenário em homenagem à independência do Brasil.

Pode-se ainda destacar a sua participação como sócio de diversas instituições nacionais e internacionais, como a International Association for Plant Taxonomists, a Sociedade Botânica do Brasil, sócio da American Fern Society, da Sociedade Botânica do México, da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, da Sociedade Paranaense de Orquidófilos, da American Orchid Society, da Asociacion Colombiana de Orquidologia, da associacion Mexicana de Orquidologia, do Circulo Paulista de Orquidófilos, da Cactus and Succulent Society of América, da Deutsche Orchid Engesellschaft e da Orchid Society of England.

Foi também homenageado por botânicos que a ele dedicaram dois gêneros da família das orquídeas, *Pabstia* Garay (1973) e *Pabstiella* Brieg. & Seng. (1975).

Entre muitas de suas atividades institucionais, fundou em 1958 o Herbário Bradeanum apoiado por diversos botânicos, sendo desde então diretor vitalício da instituição e editor permanente do Boletim desta instituição, a revista Bradea. A ele também foi dedicado o Herbário Guido Pabst si-



tuado em Carangola, MG.

Ainda em vida, Guido Pabst esperava reunir orquidófilos e orquidólogos, um grupo a fim de estudar temas voltados às orquídeas, um embrião futuro interdisciplinar. Infelizmente, o mestre morreu antes de ver o seu grupo integralmente formado e consolidado. Alguns trabalhos agendados foram realizados e apresentados no Primeiro Encontro de Orquidófilos e Orquidólogos, em setembro de 1980, alguns meses depois de sua morte. Este encontro teve o Pabst como patrono, e os anais correspondentes, com trabalhos originais, foi a ele dedicado. Ao longo de sua vida científica publicou cerca de 200 trabalhos originais, dispersos em diversas revistas nacionais e internacionais. Na Revista Bradea, volume III, número 10, de 1980, há informações adicionais sobre a sua obra. Na sua formação contou com a ajuda de eminentes estudiosos da área, mas a sua inteligência, aliado a um grande talento, fê-lo um autodidata por excelência.

**Antonio Ventura Pinto. UFRJ,
C.P. postal 68035. 21944-971/
RJVENTURA@nppn.ufr.br**



Laelia anceps 'Disciplinata'.

Foto de Dulce Barreto Campos - 1º. Lugar

Já é uma tradição na OrquidaRIO a realização anual de concursos, de fotografia de flores ou de desenho e ilustração botânica.

Concurso de Fotografia



Ascda. Red Baroni.

2o. lugar. Foto de João Alberto de Senna



Encyclia cordigera.

Foto de Carlos Roberto Azevedo



Renanthera monachica.

Foto de Carlos Roberto Azevedo



Blc. Nobile's Carnival.

Foto Marcus Vinicius Lameiras

Este ano foi de fotografia e compareceram sócios e, para nossa surpresa, não sócios, como é o caso da vencedora do concurso. Isto nos dá uma pontinha de orgulho, eis que significa que penetramos além do nosso corpo socie-tário e, isso, é muito bom, como é bom saber que podemos contar com uma gama bem grande de ilustradores.

Fica o registro e, sobretudo, a mostra de fotos de boa feitura.



Phal. Baldan's Caleidoscope.
Foto de João Alberto de Senna



Encyclia randii.
Foto Maria Ignacia Fonseca Malheiros

ORQUÍDEAS EPÍFITAS OCORRÊNCIA E INTERAÇÃO COM OS FATORES DO AMBIENTE

Giulio Cesare Stancato¹

A família Orchidaceae é considerada bastante diversificada, incluindo espécies em vários habitats. No entanto, existe um aspecto que caracteriza grande parte: de 70 a 80% das orquídeas nativas das regiões tropicais e subtropicais têm as copas das árvores como habitat, principalmente as copas mais altas, com as raízes aderentes aos ramos (SUTTLEWORTH *et al.*, 1970). Estas orquídeas são chamadas de epífitas e, talvez, possuam o maior grau de especialização entre as plantas superiores, com as espécies desenvolvendo estruturas que armazenam água e nutrientes, como reserva para períodos críticos. Elas estão direta ou indiretamente expostas à radiação solar tropical, recebendo chuvas intermitentes e submetidas às correntes de ar. Estas condições produzem um ambiente um tanto quanto xerófito, porém bastante adequado para as orquídeas epífitas (WITHNER, 1959).

De acordo com BENZING (1990), as epífitas não possuem o sistema radicular desenvolvido, não utilizam a água do solo e estão freqüentemente expostas ao estresse. O crescimento e desenvolvimento de uma epífita verdadeira ocorrem sem qualquer contato com o solo ou com o sistema vascular da planta suporte ou hospedeira. Estão distribuídas em

zonas tropicais, subtropicais e semi-áridas, em habitats caracterizados por déficit hídrico recorrente (MEDINA *et al.*, 1986; BENZING, 1984), apresentando diferentes níveis de exigência de luz, umidade e temperatura.

As orquídeas epífitas exibem hábito de crescimento simpodial ou monopodial. Nas orquídeas simpodiais, cada simpódio tem crescimento individualizado, com formação da inflorescência na região apical. O crescimento vegetativo tem continuidade a partir de gemas axilares na base do pseudobulbo. Depois de algum tempo, com repetidos ciclos de crescimento, a orquídea simpodial torna-se um grupo de pseudobulbos unidos entre si, com metabolismo interligado; uma vez separados em grupos menores, cada conjunto originará uma nova planta (BENZING, 1990). A presença do pseudobulbo só ocorre em orquídeas epífitas simpodiais e pode proporcionar algumas vantagens ecológicas, permitindo sua sobrevivência em situações prolongadas de déficit hídrico. Gêneros como *Catasetum*, *Cattleya*, *Cymbidium*, *Dendrobium*, *Encyclia*, *Epidendrum*, *Laelia*, *Miltonia*, *Oncidium*, *Pleurothallis* e *Sophronitis*, são exemplos de orquídeas simpodiais. Por outro lado, nas orquídeas monopodiais, a região

apical do monopódio cresce vegetativamente e as inflorescências são produzidas a partir de gemas axilares. *Phalaenopsis*, *Vanda* e *Vanilla* são exemplos de monopodiais.

A classificação das orquídeas epífitas, baseada nas suas relações hídricas, é uma das mais importantes, já que a água é um fator limitante no hábitat epifítico e sua disponibilidade interfere no desenvolvimento destas plantas. Nesta classificação, de acordo com a resposta da planta à disponibilidade de água, as orquídeas epífitas são consideradas plantas que crescem em locais onde a água é escassa na maior parte do tempo, sendo denominadas de xerófitas (LÜTTGE, 1989). Estas orquídeas xerófitas podem ser divididas em xerófitas tolerantes e xerófitas que escapam ou evitam o déficit hídrico.

As xerófitas que escapam ou evitam o déficit hídrico não são xerófitas verdadeiras, mas comportam-se como mesófitas sazonais, restringindo seu crescimento ao período úmido do ano. Durante o período de seca, estas plantas apresentam sintomas de senescência e eliminam partes do seu corpo que possam causar a sua desidratação. O metabolismo do pseudobulbo é reduzido até um estado de baixa atividade metabólica, sendo este o órgão da planta menos vulnerável à dessecação durante o período seco (BENZING, 1990); o pseudobulbo possui reservas em carboidratos e grande quantidade de gemas, as quais são necessárias para renovar o crescimento quando as condições favoráveis

retornarem (LÜTTGE, 1989).

As xerófitas tolerantes ao déficit hídrico existem em maior número que as xerófitas que escapam, possuindo mecanismos anatômicos e fisiológicos que permitem manter uma economia da água utilizável. Sob a ótica da sobrevivência, estas orquídeas recorrem a uma gama de recursos dinâmicos e estruturalmente coordenados como uma primeira linha de defesa contra a secas (GOH & KLUGE, 1989).

A pressão do meio ambiente, especialmente do estresse hídrico, induz modificações e adaptações morfológicas para permitir o crescimento e desenvolvimento das plantas. Uma característica marcante em orquídeas xerófitas é a presença de tecidos que armazenam água, chamados de suculentos. A suculência pode ocorrer na folha, no caule e também nas raízes, para algumas espécies. Na folha, está relacionada com um tecido homogêneo, a hipoderme, também chamada de mesófilo armazenador de água, que apresenta células fotossinteticamente ativas, clorênquima e cutícula que dificultam ou retardam a transpiração (LÜTTGE, 1989). No caule, o pseudobulbo é uma parte modificada do rizoma que armazena principalmente água e carboidratos (STANCATO *et al.*, 2002), sendo comparado, em função, aos bulbos verdadeiros.

Em função das suas características adaptativas, é possível encontrar orquídeas em praticamente todas as regiões do mundo, contudo, é nas regiões mais quentes da Terra que ocorrem em maior abundância, não só em

número como em formas variadas (HOLTTUM, 1955). São encontradas em locais desde o nível do mar até a mais de 4000m, sendo mais frequentes em altitudes entre 500 e 2000m. Embora existam orquídeas nativas em todos os continentes, com exceção da Groelândia e das regiões árticas e antárticas, de acordo com PABST & DUNGS (1975) e RENTOUL (1987), as condições climáticas que regulam a sua ocorrência são as mesmas no mundo inteiro, permitindo estabelecer quatro províncias ou zonas climáticas e geográficas.

A Primeira Zona Climática contém em torno de 60% dos gêneros e das espécies existentes. Geograficamente, abrange a Serra do Mar, no Brasil e as faixas médias dos Andes, que se situam entre as regiões com maior umidade atmosférica, nas quais ocorre precipitação durante o ano todo, em intensidade variável. A grande diversidade em orquídeas nestas regiões não é consequência unicamente da alta umidade atmosférica, mas também da renovação constante do ar atmosférico. O período úmido nesta Zona ocorre à noite, com boa possibilidade de formação de neblina e, sazonalmente, durante o dia com a ocorrência de precipitações. Mesmo na estação menos chuvosa, pode ocorrer intensa formação de neblina durante a noite.

A Segunda Zona Climática abrange as regiões quentes da costa da América do Sul bem como a Bacia Amazônica; também abrange regiões com características semelhantes de clima tro-

pical quente e úmido. A proximidade com o mar ou com regiões alagadiças no interior do continente e a floresta tropical, proporcionam alta umidade atmosférica, mas todas as plantas desta Zona, inclusive as orquídeas, apresentam dispositivos que retardam a transpiração. A rigor, são estas regiões mais a evaporação da água do mar, as responsáveis pelo suprimento de umidade que abastece a Primeira Zona Climática, na forma de chuva ou neblina. Na época das chuvas, dias quentes e úmidos alternam-se com dias quentes e secos. Tempestades violentas, porém breves, são seguidas por dias de estiagem, com temperaturas noturnas semelhantes às diurnas. Ventos fortes e secos sopram do continente, reduzindo drasticamente a umidade. Nestas regiões, com a atmosfera úmida e estagnada, a mata é pobre em orquídeas. Porém, em qualquer clareira, beira de riachos, pontas de galhos nas altas copas, é grande a população de orquídeas, mostrando que a ocorrência localizada não é somente função da necessidade de luz, mas também da necessidade de renovação do ar atmosférico.

A Terceira Zona Climática está localizada no Planalto Central, no Brasil, abrangendo áreas no interior do continente, onde a influência dos ventos marítimos não se faz sentir. Estas áreas estão situadas em altitudes de 500 a 1000m, sendo compostas pelos planaltos de MG, GO, MS e MT. Além das orquídeas litofíticas (que crescem sobre a rocha nua) e saxícolas (que crescem sobre camadas de seixos), as

epífitas vivem sobre escassas palmeiras ou nas estreitas faixas de mata ciliar. O solo é geralmente pobre, raso e possui sub-solo com cascalho. Neste solo só permanecem árvores e arbustos que buscam a umidade do lençol freático, às vezes a 20 ou 30m de profundidade. As orquídeas adaptaram-se aos longos períodos de seca, sendo que muitas perdem as folhas depois da floração para rebrotar novamente na época das chuvas e o orvalho é a única fonte de umidade que lhes permite atravessar o período de seca. Sob o aspecto climático, esta região é caracterizada por dias quentes e secos e por noites muito frescas. A oscilação da temperatura entre dia e noite e entre verão e inverno é mais acentuada. Amplitude térmica diária em torno de 35°C ocorre com frequência bastante acentuada, caracterizando uma região onde se alternam fortes extremos. As orquídeas epífitas da Terceira Zona Climática preferem as estreitas matas ciliares que acompanham os rios, às vezes por centenas de quilômetros, as quais funcionam como vias de migração de orquídeas. Os brejos e alagados abrigam grande número de orquídeas. As árvores presentes nestes alagados acolhem algumas epífitas, entre elas espécies do gênero *Catasetum*.

A Quarta Zona Climática é formada pelas regiões mais frias do mundo todo, principalmente onde o inverno é rigoroso. Na América do Sul abrange a Patagônia e as partes mais altas dos Andes. As orquídeas epífitas nestas regiões são raras. No extremo

meridional da América do Sul só ocorrem orquídeas terrestres. No Brasil, existem algumas espécies nos cumes da Serra da Mantiqueira.

Em todas as zonas, a interação dos elementos climáticos como temperatura, umidade, radiação, pressão atmosférica, tipo e quantidade de nuvens, precipitação e velocidade do vento, entre outros, proporciona a coexistência de grupos de orquídeas com características anatômicas e funcionais semelhantes, permitindo que a diversidade entre grupos da mesma zona climática seja diretamente proporcional às possíveis combinações entre os elementos climáticos (BENZING & RENFROW, 1971). As mudanças não ocorrem na mesma intensidade para todas as espécies, o que possibilita vários níveis de adaptação.

Cada zona climática possui características geográficas e climatológicas distintas, sendo que as orquídeas nativas de uma dada zona climática mostram aspectos que refletem as condições a que estão submetidas. Zonas climáticas com características peculiares como grande amplitude térmica ou umidade relativa do ar elevada ou precipitação pluviométrica concentrada em período reduzido do ano, impõem diferentes restrições ao crescimento e desenvolvimento. Dessa forma, orquídeas submetidas a grandes amplitudes térmicas apresentam pequeno porte e taxas reduzidas de crescimento (MIRANDA, 1989), sugerindo que a redução no acúmulo de matéria orgânica pode estar ligada à utilização de

rotas metabólicas de síntese e de degradação que sejam operantes sob determinadas condições ambientais. Por outro lado, orquídeas nativas de regiões com chuvas em poucos meses do ano, apresentam taxas elevadas de acúmulo de matéria orgânica nesse período. Isso indica que a ação dos elementos climáticos pode induzir alterações nas plantas, muitas vezes provocadas por condições recorrentes de estresse, permitindo o estabelecimento de processos bioquímicos específicos para determinados grupos de orquídeas. De uma maneira geral, as plantas vasculares devem despendar água para produzir biomassa, sendo que a manutenção do turgor é necessária para o crescimento. A perda de turgor afeta a taxa de crescimento da célula, a expansão da folha e a abertura dos estômatos (HALE & ORCUTT, 1987). Nas folhas, quando os estômatos se abrem para a captação do gás carbônico na atmosfera, o vapor d'água sai numa taxa muito alta. Em decorrência, se a perda de água por transpiração excede a absorção, a água nos tecidos condutores fica submetida à tensão, ou seja, ocorre a perda de turgor.

Em relação às orquídeas epífitas, ocorre a manutenção de um balanço hídrico favorável, ou seja, aquele que possibilita o crescimento e o florescimento num ambiente sujeito às oscilações diárias de umidade e temperatura. Isto indica que estas plantas dispõem de mecanismos ecofisiológicos que modulam constantemente a disponibilidade de água e a

incorporação de matéria orgânica, dentro de certos limites, promovendo um ajuste mais rápido frente às variações ambientais.

Dentre os muitos fatores do clima que interferem na sobrevivência das epífitas, a umidade é provavelmente o principal fator limitante em curtíssimo prazo, sendo que a tolerância ao déficit hídrico torna-se decisiva para a sobrevivência da planta. Cada vez que a umidade se reduz, o que algumas vezes requer somente uma ou duas horas, rapidamente diminui a disponibilidade de água para a planta; em relação às orquídeas epífitas, esta situação ocorre ao longo de todos os dias e exige medidas eficazes para evitar que a desidratação seja um processo irreversível (BENZING, 1990). Quando o déficit se desenvolve, uma competição por água ocorre entre as diversas partes da planta, sendo que um dos fatores que controlam a distribuição de água é o estágio de desenvolvimento do órgão ou de parte da planta. As regiões meristemáticas e os órgãos em formação, principalmente, competem fortemente por água (HALE & ORCUTT, 1987).

TURNER (1979) classifica dois tipos de tolerância ao déficit hídrico. No primeiro tipo, a tolerância é devida à manutenção de altos níveis do potencial de água do tecido (ϕ_a), procurando reduzir a perda ou atuando na manutenção da absorção de água. No segundo, a tolerância é consequência da redução do potencial de água (ϕ_a) em função do ajuste osmótico (ϕ_{os}) ocorrido, contribuindo para a alta

turgidez do tecido. Nas xerófitas que toleram a perda de grande quantidade de água, o protoplasma está submetido a potenciais muito baixos.

Entre as características anatômicas, o pseudobulbo pode ser importante para explicar a redução mais lenta do conteúdo de água na folha e também do potencial de água (ϕ_a), que ocorre em orquídeas epífitas durante um período de déficit hídrico (ERTELT, 1992; ZHENG *et al.*, 1992). Provavelmente, a água perdida por transpiração na folha pode ser prontamente repostada pela água previamente armazenada no pseudobulbo. Este mecanismo pode ser comparado com o rápido transporte de água que ocorre entre tecidos, em outras plantas suculentas (SCHÄFER & LÜTTGE, 1987; STANCATO *et al.*, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENZING, D.H. 1984. Epiphytic vegetation: a profile and suggestions for future inquiries. In: **Physiological ecology of plants of the wet tropics**. MEDINA, E., MOONEY, H.A. & VÁSQUEZ-YANES, C. (eds.). W. Junk Publishers, New York, EUA. pp. 155-171.

BENZING, D.H. 1990. **Vascular epiphytes, general biology and related biota**. Cambridge University Press, Cambridge, EUA. 353p.

BENZING, D.H. & RENFROW, A. 1971. Significance of the patterns of CO₂ exchange to the ecology and

phylogeny of the Tillandsioideae (Bromeliaceae). **Bull. Torrey Bot. Club**, 98: 322-327.

ERTELT, J.B. 1992. Horticultural aspects of growing and displaying a wide variety of epiphytes. **Selbyana**, 13: 95-98.

GOH, C.J. & KLUGE, M. 1989. Gas exchange and water relations in epiphytic orchids. In: **Vascular plants as epiphytes, evolution and ecophysiology**. LÜTTGE, U. (ed.), Spring-Verlag, Heidelberg, Alemanha. pp.139-166.

HALE, G.M. & ORCUTT, D.M. 1987. **The physiology of plants under stress**. John Wiley & Sons, Wiley-Interscience Publication, New York, EUA. 206p.

HOLTUM, R.E. 1955. Growth habits of monocotyledons: variations of a theme. **Phytomorphology**, 5: 399-413.

LÜTTGE, U. 1989. **Vascular plants as epiphytes, evolution and ecophysiology**. LÜTTGE, U. (ed.), Spring-Verlag, Heidelberg, Alemanha. 270p.

MEDINA, E., OLIVARES, E. & DIAZ, M. 1986. Water stress and light intensity effects on growth and nocturnal acid accumulation in a terrestrial CAM bromeliad (*Bromelia humilis*) under natural conditions. **Oecologia**, 70: 441-446.

MIRANDA, E.L.F.M. 1989. O gênero *Laelia*, seção *Cattleyoides*, taxonomia, ecologia e conservação. In: **anais do IV Forum regional de orquídeas**. Sociedade Batataense de Orquidófilos, Batatais, SP. pp. 1-14.

PABST, G.F.J. & DUNGS, F. 1975. **Orchidaceae Brasiliensis**. Band.1. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow (ed.). Hildesheim, Alemanha. 408p.

RENTOUL, J.N. 1987. The *Cattleyas* and other epiphytes. In: **Growing Orchids**. Timber Press, Portland, EUA. 218p.

SCHÄFER, C. & LÜTTGE, U. 1987. Water translocation in *Kalanchoe daigremontiana* during periods of drought. **Plant Cell Environ.**, 10: 761-766.

STANCATO, G.C., MAZZAFERA, P. & BUCKERIDGE, M.S. 2001. Effect of a drought period on the mobilisation of non structural carbohydrates, photosynthetic efficiency and water status in an epiphytic orchid. **Plant Physiol. Biochem.**, 39:1009-1016.

STANCATO, G.C., MAZZAFERA, P. & BUCKERIDGE, M.S. 2002. Effects of light stress on the growth of the epiphytic orchid *Cattleya forbesii* Lindl. X *Laelia tenebrosa* Rolfe. **Rev. Bras. Bot.**, 25: 229-236.

SUTTLEWORTH, F.S., ZIM, H.S., DILLON, G.W. & SMITH, E.W. 1970. Orchids. HUBER, G. (ed.), Western Publishing Company Inc., São Francisco, EUA. 161p.

TURNER, N.C. 1979. Drought resistance and adaptation to water deficits in crop plants. In: **Stress physiology in crop plants**. MUSSELL, H. & STAPLES, R.C. (eds.), Wiley-Interscience, New York, EUA. 445p.

WITHNER, C.L. 1959. **The orchids, a scientific survey**. WITHNER, C.L. (ed.), John Wiley & Sons, Inc., New York, EUA. 648p.

ZHENG, X.N., WEN, Z.Q., PAN, R.C. & HEW, C.S. 1992. Response of *Cymbidium sinense* to drought stress. **J. Hort. Sci.**, 67: 295-299.

*Eng. Agro., Dr., Pesquisador Científico do Instituto Agrônômico (IAC), Centro de Horticultura. Caixa Postal 28, CEP 13001-970, Campinas, SP.
e-mail: stancato@iac.sp.gov.br*

Florália



Blc. Goldenzelle 'Saddle Peak'

Lista de Preços Disponível

Estrada da Florália, 592
24.140-216 - Niterói, R.J.
tel:(21) 2627-7733 fax:(21) 2627-7802

florbra@attglobal.net
www.floralia.com.br

VARIEDADES

No Brasil orquídea pode, agora, ter Direitos Reservados.

É pouco sabido no mundo orquidófilo brasileiro que já se pode patentear cultivares de plantas, dentre as quais as orquídeas. Desde 1997 estão em vigor a Lei nº 9.456, de 25 de Abril daquele ano e o Decreto Nº 2.366, de 5 de novembro do mesmo ano, que disciplinam o assunto. O Ministério da Agricultura, através de uma Secretaria, controla o registro de cultivares registrados de valor e importância comerciais.

Curiosidade quanto ao pouco conhecimento desse assunto é que, até agora, não foi feito qualquer registro de cultivar de orquidácea.

A OrquidARIO põe à disposição de seus associados cópias integrais dos dois textos legais, bastando para isso solicitação à nossa Secretaria, mediante pagamento de custo de cópia e despesa postal quando houver.

Exposição de Outono

Estaremos realizando a primeira exposição do ano, entre 29 de abril e 01 de maio, no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

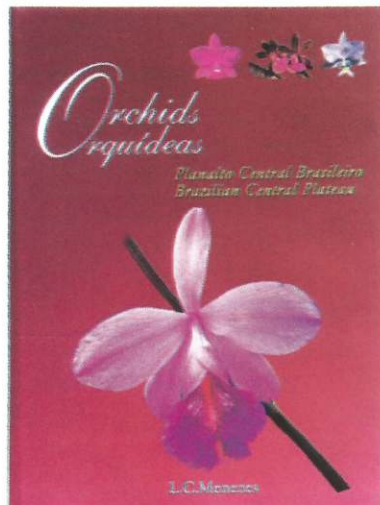
O assunto exposições tem merecido tanta atenção da atual Diretoria, que se criou uma Comissão de Exposição permanente, assim composta:

Colette Augusta Billeter de Souza, Lourdes dos Anjos Xantri Costa e Luciano Henrique da Motta Ramalho.

Orquídeas do Planalto Central Brasileiro -

Continuando a divulgação de suas pesquisas sobre a flora orquidácea do Planalto Central, Lou Christian Menezes, fecunda orquidóloga e dos mais importantes nomes brasileiros na especialidade, publica mais uma obra extensiva sobre o assunto, evidenciando a riqueza e as particularidades da flora da região, que apresenta flores de rara e especial beleza.

Além de toda sua qualificação Lou ilustra a publicação com fotos de qualidade. Destaca-se o toque humano na homenagem ao coletor Geraldo Salu, que foi um dos colaboradores nas pesquisas de campo. Temos, também a presença de Rubinho, o simpático orquidófilo-mirim, que é uma espécie



de mascote dessas flores do cerrado.

Com a seriedade científica que a caracteriza, L. C. Menezes, trata do vistoso, como do menos portentoso e tem a lealdade de nos dizer que, pelos altos custos, teve que fazer uma edição menos completa, mas nos promete uma ampliação futura, que esperamos não demore.



Blc. Angela Breviglieri (Blc. Bangkok Beauty x Bc. Capitão Pessôa). Feliz cruzamento de Sérgio Barani, aqui em cultivo de Raimundo Mesquita.

Sergio Barani: faça mais flores e ganhe a merecida divulgação em meios inesperados...

Ônibus orquidófilo.

Vez por outra recebemos pedidos curiosos.

Meados do ano passado nos chegou pedido da Argentina, província de Misiones, de cessão de cópia de uma foto do nosso acervo e, também, de autorização para utilizá-la num veículo de transporte coletivo, um Ônibus Misionero, da empresa Dom Casimiro. Autorizamos e fornecemos a cópia da foto que retrata um belo cruzamento feito por Sérgio Barani, *Blc. Angela Breviglieri*.

Fica o registro e o recado para

EM ABRIL



Blc. Chinese Bronze



Oncidium Court Cascade



Blc. Samba Opera

**Conheça a nossa
nova coleção.**

CATÁLOGO
ARANDA
ORQUÍDEAS
2004

Blc. (Eve Marie Barnett x Goldenzelle)



Reserve já o seu !
tere@aranda.com.br
www.aranda.com.br